

JORNAL DO CENTENÁRIO

Nº 3 NOV./DEZ. 2009 www.centenariorepublica.pt



CENTENÁRIO DA REPÚBLICA
1910 · 2010

2/3	A ARTE NA REPÚBLICA HUMORISTAS, MODERNISTAS E FUTURISTAS
4	COMO ERA HÁ 100 ANOS A VIDA ARTÍSTICA
5	RUAS DA CONSPIRAÇÃO RUA DA ESPERANÇA
6	MULHERES NA REPÚBLICA ADELAIDE CABETE
7	LIVROS A I REPÚBLICA NOS LIVROS
8	COMEMORAÇÕES MAIS DESTAQUE À REPÚBLICA NAS ESCOLAS

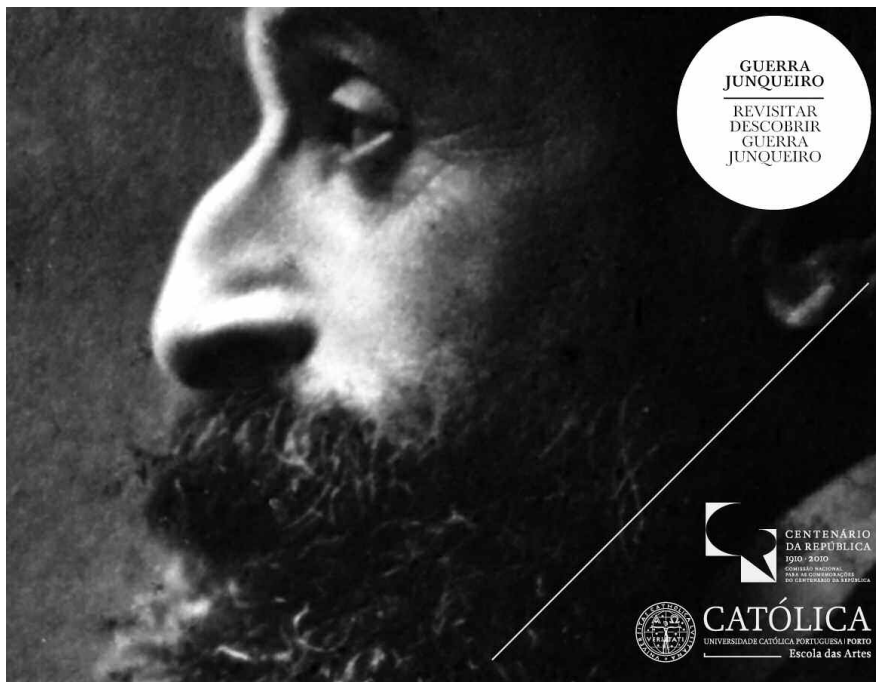
MÚSICA

“A MÚSICA DE JUNQUEIRO” EM LIVRO E EM CD

Musicados por 30 compositores, os versos de Guerra Junqueiro são revisitados no livro e no CD reunidos num volume intitulado “A Música de Junqueiro”, lançado dia 17 de Novembro de 2009 pela Universidade Católica Portuguesa (Porto), numa edição que contou com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

Integrado no projecto “Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro”, desenvolvido pelo Departamento de Som e Imagem – Escola de Artes da UCP (Porto), a obra agora editada tem a coordenação científica de Henrique Manuel S. Pereira e resulta do desafio que foi lançado a autores contemporâneos para analisar e interpretar os textos do poeta.

O projecto “Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro” inclui ainda a realização do documentário “Nome de guerra, a Viagem de Junqueiro”, a edição de uma fotobiografia e uma colectânea de entrevistas intitulada “À Volta de Junqueiro”.



“A MÚSICA DE JUNQUEIRO” - DEPARTAMENTO DE SOM E IMAGEM - ESCOLA DE ARTES DA UCP - PORTO.

A REPÚBLICA EM 100 PALAVRAS

A República é aquilo que a fizemos ser. Porque, entre nós e a palavra que a diz, há o que a pode destruir: indiferença, suspeita, corrupção, logro, lugar-comum, arbitrariedade, vazio. E também o que a pode construir: comunidade, lei, representatividade, bem-comum, memória, autonomia, crítica.

Não há República quando ela se nega a si mesma, confundindo o público e o privado, o igual e o desigual, o justo e o injusto, o civil e o religioso. Se, para dizermos o que é a República, temos de dizer o que não é – já estamos a dizer o pouco que ela está a ser. //

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS
COLUNISTA E GESTOR CULTURAL



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA, 1911, 11 ABRIL, PAG. 524, N.º 269
HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA

EXPOSIÇÃO

Banda desenhada nas comemorações

Uma exposição de BD, em que se falará da génese desta arte na I República e também da forma como vemos hoje aquele período histórico, vai realizar-se de Abril a Outubro de 2010 no Centro Nacional de BD e Imagem (CNBDI).

Esta iniciativa, que se inclui no programa das Comemorações do Centenário da República, realizar-se-á em parceria com a Câmara Municipal da Amadora, entidade organizadora do Amadora BD, o festival que na sua 21ª edição irá ter como tema o centenário da República.

A exposição de BD será também apresentada de 22 de Outubro a 7 de Novembro, no Amadora BD, e de Setembro a Dezembro circulará pelo país numa versão reduzida. Fruto da parceria entre a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e a Câmara Municipal da Amadora, haverá ainda um colóquio e a edição de um álbum de Banda Desenhada sobre a História da I República. //





A ARTE NA REPÚBLICA

Exposição Livre de 1911

“Abaixo o bota de elástico!”

“Abaixo o bota de elástico” foi um dos gritos de revolta expressos no início do século XX, em que uma nova geração de artistas protagonizou, não raro de forma provocatória – como se veria também no manifesto anti-Dantas, de Almada – uma tentativa de ruptura com o academismo que dominava o panorama das artes.

A expressão bota de elástico, que aludia à forma aperaltada como então trajavam os académicos – usando botas com elásticos – entrou assim na linguagem corrente, para exprimir um desejo de mudança na expressão artística. A linha naturalista do séc. XIX predominava e mestres como Columbano Bordalo Pinheiro e José Malhoa continuavam a impor o gosto.

A mudança de século não trouxera grandes consequências na estética. “Nós ficamos à espera da revolução das artes em Portugal”, escrevia, em 1909, numa crónica para a Ilustração Portuguesa, Aquilino Ribeiro, em Paris, onde se encontravam muitos artistas novos, entre eles Santa-Rita, Emmerico Nunes, Domingos Rebelo, Eduardo Viana, Francisco Franco, Dordio Gomes – e Leal da Câmara.

O período temporal da I República – em que surgiram figuras que se projectaram de um século a outro como Almada, Fernando Pessoa, Amadeo de Souza-Cardoso – deu frutos e viu nascer uma primeira geração de modernistas, mas tal não se deveu propriamente a uma afirmação cultural republicana. A maioria dos artistas mantinha-se à margem do novo regime que também não lhes consagrou especial atenção.

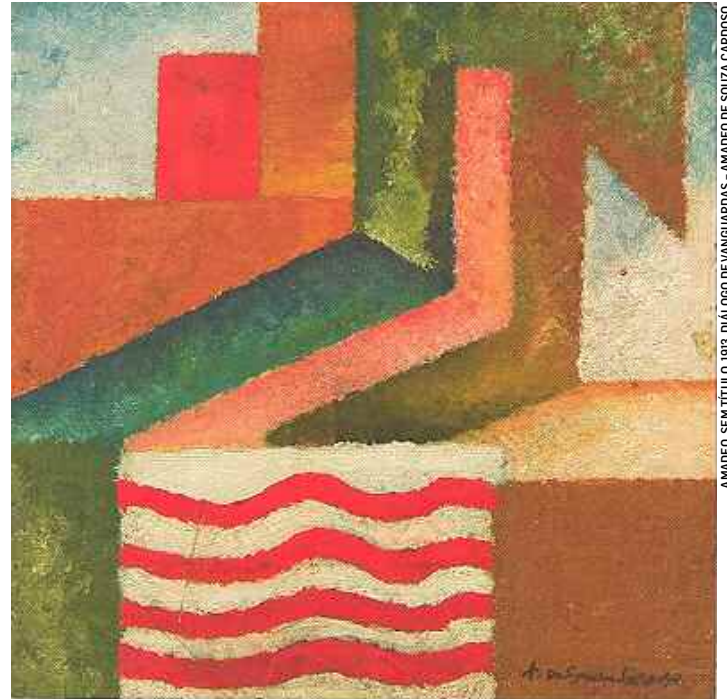
Foi por via do humorismo e da caricatura que uma nova geração se começou a impor.

Movido por essa busca de liberdade, um grupo de jovens artistas promoveu em 1911 a Exposição Livre, no Salão Bobone, em Lisboa. “Fugir aos dogmas do ensino, às imposições dos mestres”, era o objectivo, segundo Manuel Bentes, um dos pintores que ali expuseram. O resultado não foi muito além do que se fazia até então, mas a partir daí sucederam-se os esforços por encontrar alternativas aos conservadores salões da SNBA. //

“Fugir aos dogmas do ensino, às imposições dos mestres.”



LES FAUCONS, DE AMADEO DE SOUZA-CARDOSO. A ARTE EM PORTUGAL, NO SÉCULO XX. JOSE AUGUSTO FRANÇA, LIVROS HORIZONTE



AMADEO, SEM TÍTULO, 1913, DIÁLOGO DE VANGUARDAS - AMADEO DE SOUZA CARDOSO. CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Humoristas, modernistas e futuristas

Em 1912, realizou-se no Grémio Literário o I Salão de Humoristas Portugueses, no qual participaram “os novos” Cristiano Cruz, Emmerico Nunes, Almada, Jorge Barradas, Ernesto Canto da Maia (escultor) mas onde, em paralelo, surgiram obras de Rafael Bordalo Pinheiro, que morrera em 1905.

Foi em 1914, na sequência do Salão da Primavera da SNBA que, pela primeira vez, a palavra modernismo foi referida para designar um movimento e, em 1915, ela foi adoptada no Porto, na primeira Exposição de Humoristas e Modernistas.

A Guerra trouxe de volta a Portugal artistas como Amadeo, até então ausente dos salões portugueses e também Santa-Rita, que já desde 1912, se dizia um pintor futurista. Arte e Guerra foi o tema de uma exposição que Leal da Câmara organizou em 1917, no mesmo ano em que Almada voltava a escandalizar, no Teatro República, com a apresentação pública do Futurismo. Mas foi também em 1917 que o quadro de José Malhoa *O Fado*, pintado em 1910, fez sucesso em Lisboa, no Salão da SNBA.

Ao longo da década de 10, as várias correntes artísticas confrontaram-se e se nela emergiu uma primeira geração de modernistas, a partir de 1919 a força dos mais novos esbateu-se. Na década seguinte a rebeldia esfumou-se e a busca de outros caminhos quase cessou, reduzindo-se à procura individual de cada um. //



A ARTE NA REPÚBLICA

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)

Nascido em 1887 numa quinta em Manhufe, nos arredores de Amarante, no seio de uma família próspera, Amadeo fez o liceu em Coimbra e em 1905 começou a frequentar em Lisboa o curso de Arquitectura. Mas um ano depois, em Paris, foi no desenho e na caricatura que se aperfeiçoou. A arte de Amadeo tomou então outro caminho, a pintura, onde até 1918 participou, de modo singular, vagoante e esquivo, em vários movimentos de vanguarda surgidos no princípio do século XX: modernismo, futurismo, cubismo, expresionismo, abstraccionismo.

Embora em Paris tenha convivido com artistas que para ali migraram, como bolseiros – entre eles Santa-Rita, Emmerico Nunes, Alberto Cardoso, Manuel Bentes, Eduardo Viana, Domingos Rebelo, – Amadeo discordava do que os amigos faziam na época: “Marcham numa rotina atrasada.(...)Tudo quanto para aqui se faz é mediocre”, dizia. Não participou com eles na “Exposição Livre” de 1911, em Lisboa.

Amigo de Moggiolani, Amadeo preferiu expor com ele no Salon des Indépendents de Paris. Era a época dos “Ballets Russes” de Diaghilev, em que a cenografia aliava poetas e pintores. Em 1911 Amadeo editou um álbum, XX Dessins, de caçadas, com cavalos galopantes e falcões, que mereceu boa crítica. Mas não conquistou a simpatia do poeta Mário de Sá-Carneiro, que em 1912 dele dizia, numa carta a Fernando Pessoa, ser um “snobe, vaidoso e impertinente”.

Já então Amadeo se internacionalizava. Em 1913, foi convidado a participar no Armory Show, a primeira exposição de arte moderna europeia vista na América, onde, a par de Braque, Matisse, Duchamp, expôs oito obras, três das quais estão agora no Art Institute of Chicago. Desafiado por Sonia e Robert Delaunay expôs também no Salão de Outono de Berlim, com duas Pinturas e o Atleta, obra que marca a sua entrada no Cubismo. Nele não se fixa porém. Pintor do movimento e da cor, sempre vanguardista, Amadeo explora as curvas, o pontilhismo e outras formas de expressão. Entre 1914 e 1917 é através do expressionismo que se revela e em 1916, já com incursões pelo abstraccionismo.

Para a crítica, era difícil situar a arte de Amadeo. Ele próprio dizia: “Eu nem a mim próprio me sigo (...) Tudo o que tenho feito é diferente do precedente e sempre mais perfeito”.

Morreu prematuramente em 1918, a duas semanas do fim da guerra, vítima de pneumónica. ▀

“A ARTE EM PORTUGAL NO SÉC. XX”, JOSÉ AUGUSTO FRANÇA, LIVROS HORIZONTE



SENHORAS À MESA, 1918, CRISTIANO CRUZ, CENTRO DE ARTE MODERNA/FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Cristiano Cruz (1892-1951)

O artista que abandonou a arte

É um mistério difícil de entender, que um artista como Cristiano Cruz, ilustrador, caricaturista e pintor, que fez parte da primeira geração de modernistas, tenha subitamente abandonado a arte.

Mas foi o que sucedeu no início dos anos 20, em que trocou a arte pela carreira de médico-veterinário em Moçambique onde se estabeleceu quando terminou o curso, respondendo ao desafio que lhe foi lançado por um outro médico amigo. “Depois de ter vindo de França, ele nunca se adaptou ao meio artístico lisboeta”, segundo a filha, Cristina Sheppard da Cruz Prego. “Havia muitas invejas e ele, que era uma pessoa muito recta e gostava de tudo certinho, desgostou-se e desistiu”.

A Cristiano Cruz parece aplicar-se na perfeição a expressão “os anos 20 enterraram os anos 10”, que José Augusto França gosta de utilizar quando fala da pintura na década de 20. Mas se para a arte Cristiano desapareceu, ficou para a história como um mito dos primórdios do modernismo.

Romper com o academismo era o seu lema: “Abaixo o bota de elástico” foi o seu manifesto, publicado em 1913 no Diário da Tarde, numa referência aos artistas mais tradicionais, ligados à Sociedade Nacional de Belas Artes, que então usavam botas com elásticos.

Nascido em Leiria em 1892, Cristiano foi um dos organizadores do I Salão dos Humoristas Portugueses, no Grémio Literário, em Lisboa, inaugurado em Maio de 1912 pelo presidente Manuel de Arriaga, que comprou uma obra a cada um dos artistas presentes.

Mestre no desenho humorístico e na caricatura, apesar de autodidacta na arte, a sua carreira parecia construir-se de forma tão sólida que, no II Salão dos Humoristas, em 1913, já Cristiano dividia a sua obra em duas fases: primeiro a de estilização, a que se seguiu a expressionista, no período em que se dedicou à pintura. Os futuristas nunca o atraíram. Em 1916 participou na I Guerra Mundial e a sua obra tornou-se mais dramática nos anos seguintes. No início dos anos 20 abandonou a arte e embarcou para África, onde morreu em 1951. ▀



“Eu nem a mim próprio me sigo.”

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

A ARTE NA REPÚBLICA



JAZZ, S/D. STUART - O DESENHO GRÁFICO E A IMPRENSA, JOSÉ PACHECO, ARIQTP, 2000



CONTO MUDO, 1916. STUART - O DESENHO GRÁFICO E A IMPRENSA, JOSÉ PACHECO, ARIQTP, 2000

Stuart Carvalhais, poeta-filósofo do desenho

O estatuto dos artistas (e das próprias artes) é um tema sempre em aberto e sempre controverso quando se "sai" da divisão clássica das artes, e, no caso das artes plásticas, quando se alarga a análise para além da Pintura, da Escultura e da Arquitectura.

Stuart, como ficou conhecido, pelos caminhos da sua obra e pelas suas opções de vida, é um artista "inclassificável".

E embora a sua actividade artística tenha começado antes e se tenha prolongado até muito depois, a altura é particularmente oportuna para o recordar e, na esteira de outros, lhe fazer justiça, pela sua ligação à época da República e pela importância da sua obra nesse período.

José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais (Vila Real, 1887 – Lisboa, 1961), depois de uma infância errante fixa-se em Lisboa, onde se inicia nas actividades artísticas (azulejo) no atelier de Jorge Colaço, e logo em 1906 começa a colaborar no *Suplemento Humorístico de O Século* (que virá a ser o *Século Cómico*), criando as suas primeiras bandas desenhadas em 1907. Ainda estará por fazer a verdadeira avaliação da obra de Stuart como pintor, ele que integrou o lote de artistas que fizeram os famosos quadros para decorar "A Brasileira" do Chiado, mas pode afirmar-se com segurança que é no vastíssimo universo gráfico em que se movimentou que está o seu contributo mais original e a marca da intemporalidade.

Pelo seu talento e versatilidade, a lápis ou a pincel, a carvão ou a óleo, Stuart podia ter aspirado a mais altos voos, incluindo uma carreira em França, onde trabalhou em 1912-13, tendo sido um dos precursores do modernismo português. Mas o seu universo, de adopção e de paixão, era Lisboa, a Lisboa do povo, dos bairros, dos cafés, das tertúlias, dos jornais, dos teatros e dos cinemas, do fado, das crianças, dos eléctricos, e também a Lisboa das mulheres, das varinas (caso de sua mulher, de quem teve o único filho, Raul), das belas e bem torneadas pernas, da boémia, sendo um artista popular em todos os sentidos do termo.

E assim, não só colaborou com cartoons, caricaturas, ilustrações, BDs, numa quantidade impressionante de jornais, revistas, livros, cartazes, capas, cenários, partituras, anúncios, como também foi deixando originais nos mais variados suportes, como quem espalha, ele que era apreciador de paisagens, talento ao vento. Conta até a lenda que uma vez (em Lisboa? Em Paris?), depois de Stuart ter feito um desenho no tampo de uma mesa de café, um dos fregueses falou com o dono e... saiu de lá com a mesa!

A ternura dos tipos populares, o encanto pelas brincadeiras das crianças, a sua visão crítica e independente das desigualdades e das convenções, a sua solidariedade com os deserdados, fez dele «um excepcional poeta-filósofo do desenho», sendo justo destacar a criação, em 1915, de *Quim e Manécas*, banda desenhada incomparável na Europa da época e a série portuguesa mais famosa de sempre. ▀

JOÃO PAULO PAIVA BOLÉO

Como era há 100 anos

A vida artística

Expunham juntos nos salões da Academia de Belas Artes, nas salas do Grémio Literário, da Ilustração Portuguesa, do teatro S. Carlos, ou nas do fotógrafo Bobone, na Rua Serpa Pinto, e alguns, a residir em Paris, como bolseiros, enviavam obras para a capital portuguesa, como sucedeu com Francisco Franco, Dordio Gomes, José Campas e Santa Rita, quando em 1911 se realizou a Exposição Livre.

Mas em Lisboa, ainda que Fernando Pessoa preferisse o Martinho da Arcada, e que alguns frequentassem os restaurantes Tavares, Irmãos Unidos e Vigia, era n'A Brasileira do Chiado que se encontrava a maioria dos intelectuais, fossem eles pintores, poetas e escritores de vanguarda ou académicos. Encontros que por vezes assumiam contornos de confrontos, com discussões aceras, entre académicos e vanguardistas. "Valdevinos" era mesmo a palavra usada pelo mestre Columbano Bordalo Pinheiro para se referir aos "novos".

Mas foi a estes novos artistas (entre eles Almada, Jorge Barradas, Eduardo Viana, António Soares, José Pacheco e Stuart) que, em 1923, foram encomendadas obras para decorar A Brasileira do Chiado, no mesmo ano em que, no Porto, era inaugurado o café Majestic.

Na invicta, era nos salões do Palácio da Bolsa, ou nos do Jardim Passos Manuel que expunham artistas como Armando Basto, João Peralta ou Abel Salazar, aos quais se vinham juntar outros vindos da capital, como Leal da Câmara e Diogo de Macedo. ▀



A BRAZILEIRA, JOSUJA BENOUELE, 1911
ARQUIVO FOTOGRÁFICO/ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA, A-420



Ruas da Conspiração

Rua da Esperança



Foi num prédio ainda existente na Rua da Esperança, em Santos-o-Velho, Lisboa, que a conspiração republicana atingiu o auge e passou a ter plano de acção com hora marcada. Estava-se a 3 de Outubro de 1910 e, na reunião do Directório do Partido Republicano Português realizada às oito da noite, num edifício daquela rua (o actual número 16) foi decidido marcar o início da revolução para a uma da manhã de 4 de Outubro.

Na fachada do prédio, vê-se ainda uma placa que diz: "No 3º andar deste prédio reuniram pela última vez os revolucionários em 3-10-1910".

A casa era a residência da mãe de Inocêncio Camacho, membro do Directório (que logo após a implantação da República foi o 1º Governador do Banco de Portugal) e na reunião terão participado 50 pessoas, entre militares e civis. A presença de um deles revelar-se-ia determinante: o almirante Cândido dos Reis, que presidiu a este encontro de conspiradores, entre os quais estavam José Relvas, José Barbosa, Cupertino Ribeiro, Eusébio Leão e Inocêncio Camacho.

"Estava decidida a acção revolucionária para essa noite e as reuniões fraccionadas dos chefes eram apenas o prelúdio da reunião última que se ia

efectuar na casa da Rua da Esperança, às 8 horas, poucas horas antes da revolução desencadeada", conta José Relvas, nas suas "Memórias Políticas" (p110).

"A cidade tinha o seu aspecto normal; os avisos feitos aos Centros (republicanos) evitavam até a natural formação de grupos, depois de um dia tão agitado pela morte de Miguel Bombarda. (...) O propósito de afectar despreocupação, o rápido desaparecimento de todos durante a reunião, a mesma na Rua da Esperança, e o regresso ao Martinho à meia-noite, todos esses sinais alarmantes deveriam ter inquietado os agentes de polícia. Mas (...) A polícia nada viu. Nem sequer a imprudente entrada dos republicanos na Rua da Esperança, sem recato, sem preocupações, quase processionalmente. Houve militares que compareceram com uniforme!".

No encontro, houve ainda quem opinasse pelo adiamento, sublinha Relvas. "Cândido dos Reis ouvia-os, visivelmente enervado. E quando parecia vingar o receio como relata José Relvas, o almirante afirmou resolutivo: "A Revolução não será adiada, sigam-me, se quiserem. Havendo um único que cumpra o seu dever, esse único serei eu". (...) "Para a vitória, ou para a morte!". //



“ Estava decidida a acção revolucionária para essa noite. ”

JOSÉ RELVAS, NAS "MEMÓRIAS POLÍTICAS".

MULHERES NA REPÚBLICA *Em 1900, defendeu a tese “A protecção às mulheres grávidas pobres, como meio de promover o desenvolvimento físico de novas gerações”, tornando-se a terceira mulher a concluir Medicina no país.*



ADELAIDE CABETE. ALMA DE MULHER. BIBLIOTECA MUSEU REPÚBLICA E RESISTÊNCIA/OML

Notas biográficas

ADELAIDE CABETE (1867-1935)

Não fazia parte de uma elite, como outras mulheres republicanas, oriundas de famílias abastadas e cultas. Tal como Maria Veleda, Adelaide Cabete foi uma excepção. Se aos 33 anos se licenciou em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tal ficou a dever-se a um enorme esforço pessoal e ao apoio que recebeu do marido para realizar um sonho: ser uma mulher instruída. Nascida em Elvas, cedo teve de trabalhar numa fábrica de secagem de ameixas e, na infância, nem sequer a instrução primária fez.

Os estudos, do primário e secundário, só os pode concretizar a partir do momento em que casou – tinha 18 anos. O marido, o sargento Manuel Ramos Cabete, era um republicano culto que lhe deu essa possibilidade. Ficou-lhe sempre grata e chegou a considerá-lo o maior acontecimento da sua vida.

Na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, para onde entrou aos 29 anos, teve como professores Miguel Bombarda, Curry Cabral, Ricardo Jorge e Alfredo da Costa, entre outros. Em 1900, defendeu a tese “A protecção às mulheres grávidas pobres, como meio de promover o desenvolvimento físico de novas gerações”, tornando-se a terceira mulher a concluir Medicina no país.

A sua actividade não se limitou ao exercício clínico, como ginecologista, no consultório na Praça dos Restauradores, 13. Lutou pela introdução do ensino da puericultura nas escolas e começou a escrever. Em 1901, o seu primeiro artigo, publicado no Jornal Elvense, tinha como título: “Instrua-se a mulher”. Daí por diante, colaborou com várias revistas (Alma Feminina, Pensamento, Ciência, Educação, Almanaque Democrático, Portugal Feminino) e escreveu para jornais, como A Batalha, O Rebate, A Pátria, República, Tribuna, A Fronteira, Jornal de Elvas, República Social, O Protesto, Diário de Lisboa.

Em 1907, foi iniciada na maçonaria e, em 1909, foi co-fundadora da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, onde defendeu a emancipação feminina. Foi a ela e a Carolina Beatriz Ângelo que, em total sigilo, em Agosto de 1910 foi pedida a missão de cozer as bandeiras republicanas que a 5 de Outubro haveriam de ser hasteadas.

Presidiu ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, e, em 1923, representou o governo português no Congresso Internacional Feminista, realizado em Roma. Morreu em Lisboa em 1935. ▀

FONTE: “DICIONÁRIO NO FEMININO (SÉCULOS XIX-XX)”
COORD. ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO E JOÃO ESTEVES



ADELAIDE CABETE. ALMA DE MULHER. BIBLIOTECA MUSEU REPÚBLICA E RESISTÊNCIA/OML

“ **O Conselho é (...) o defensor de todas as mulheres que sofrem, e pretende a reforma das leis iníquas e desumanas que as mantêm num estado de inferioridade que humilha e revolta** ”

ADELAIDE CABETE, SOBRE O CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS, A 4 DE MAIO DE 1924, NO DISCURSO DA SESSÃO INAUGURAL DO I CONGRESSO FEMINISTA E DE EDUCAÇÃO - ARNALDO BRAZÃO, IN *O PRIMEIRO CONGRESSO FEMINISTA E DE EDUCAÇÃO* (RELATÓRIO), LISBOA, EDIÇÕES SPARTACUS, 1925, P. 26.

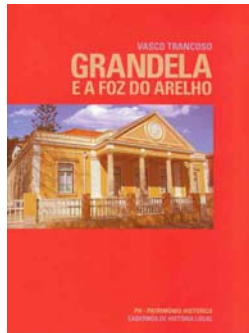
A I REPÚBLICA NOS LIVROS



MEMÓRIAS (Vol. 1, Vol. 2, Vol. 3)

Autor
Raul Brandão
Edição
Perspectivas e Realidades, 1933

Escritas ao longo de mais de uma década, numa linguagem muitas vezes intimista, as Memórias de Raul Brandão apresentam uma visão crítica da I República e reproduzem alguns documentos da época da implantação do novo regime.



GRANDELA E A FOZ DO ARELHO

Autor
Vasco Trancoso
Edição
Património Histórico, PH,
Cadernos de História Local, 2009

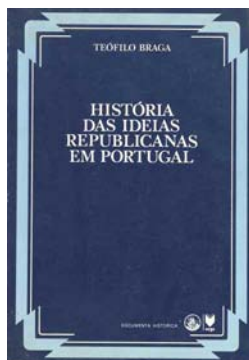
A vida e a obra de Francisco Almeida Grandela, no advento da I República e à luz de documentos inéditos reproduzidas neste livro: as cartas escritas a Grandela entre 1904 e 1906 por Casimiro Freire.



A MAÇONARIA E A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

Autor
Documentos da Comissão de Resistência
da Maçonaria/Simões Júnior/
/Carvalho Duarte
Edição
Fundação Mário Soares
e Grémio Lusitano, 2009

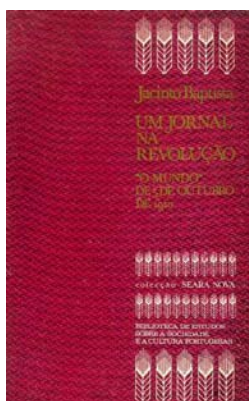
A participação da maçonaria na revolução de 5 de Outubro de 1910 é apresentada nesta obra através de documentos inéditos da Comissão de Resistência da Maçonaria, que foram reunidos e anotados por Simões Raposo Júnior.



HISTÓRIA DAS IDEIAS REPUBLICANAS EM PORTUGAL

Autor
Teófilo Braga
Edição
Veja, 1983
Colecção
Documenta Histórica

Um livro que é um documento histórico, escrito pelo homem que viria a ser presidente do Governo Provisório da I República. Nele se fala da representatividade dos deputados e da doutrina histórica do municipalismo.



UM JORNAL NA REVOLUÇÃO – “O MUNDO” DE 5 DE OUTUBRO DE 1910

Autor
Jacinto Baptista
Edição
Seara Nova, 1966

Um ensaio da utilização da imprensa como fonte histórica foi o que Jacinto Baptista fez neste livro em que analisa e reproduz na íntegra o jornal “O Mundo” de 5 de Outubro de 1910.

COMEMORAÇÕES

MAIS DESTAQUE À REPÚBLICA NAS ESCOLAS



CNCCR, FERNANDO COSTA

participar@centenariorepublica.pt

FICHA TÉCNICA Título Jornal do Centenário Propriedade Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR) ISSN 1647-3493 Direcção Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República Coordenação de edição Francisco Sarsfield Cabral Edição Fernanda Ribeiro Colaboração Inês Queiroz Design Henrique Cayatte Design



CNCCR, FERNANDO COSTA

“A I República nem sempre tem o destaque na sala de aula que devia ter.”

“A I República nem sempre tem o destaque na sala de aula que devia ter. É preciso que os professores pensem e programem melhor o ano escolar de forma que os alunos possam reflectir, e acompanhar a par e passo, os acontecimentos que se foram vivendo ao longo da I República”. Estas palavras foram proferidas dia 17 de Setembro de 2009, pela então comissária do Plano Nacional de Leitura, Isabel Alçada, actual ministra da Educação, na apresentação pública do programa República nas Escolas, eixo temático das comemorações do Centenário da República que inclui um sítio na Web, acessível em <http://escolas-centenariorepublica.pt>.

O local escolhido para a apresentação do programa foi a escola secundária de Camões, o antigo Liceu Camões – estabelecimento que este ano completa o seu centenário, com um variado programa de celebrações.

O presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, destacou a importância do local escolhido para a apresentação, a escola secundária de Camões, pelo qual passaram grandes figuras da cultura portuguesa, e destacou o relevo que o República nas Escolas tem nas celebrações previstas pela CNCCR. “Este é um dos três eixos fundamentais nas comemorações do Centenário da República, a par do República e Academia e do República e Municípios”, acentuou Artur Santos Silva. //

PENSAR A REPÚBLICA 1910-2010 - A I REPÚBLICA E A EDUCAÇÃO

O liceu que em 1911 adoptou o nome de um bispo

Durante a I República, a par da laicização do ensino houve outro tipo de mudanças que hoje surpreendem.

Foi o caso da denominação adoptada para o Liceu Central de Viseu, que, a partir de 1911, se passou a chamar Liceu Alves Martins, homenageando o bispo de Viseu, como contou Rogério Fernandes, no colóquio sobre “A I República e a Educação”, realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, dia 3 de Novembro, com o apoio da CNCCR.

“Era maçom, o bispo?”, interrogou de imediato o investigador António Candeias – organizador deste colóquio – quando Rogério Fernandes, um dos especialistas em Ciências da Educação que

intervieram no encontro, fez referência a esta surpreendente mudança.

A interrogação ficou no ar. O que se sabe é que foi por decreto de António José de Almeida, ministro do Interior do Governo Provisório, que a 18 de Março de 1911 o Liceu de Viseu passou a designar-se Liceu Alves Martins, em homenagem ao seu antigo benfeitor. Agitada foi a história de vida de D. António Alves Martins, que várias vezes foi detido pelas ideias liberais que defendeu (1832, 1837 e 1843). Natural de Granja de Alijó, Vila Real, onde nasceu em 1808, além de bispo de Viseu foi capelão da Armada, professor do liceu, enfermeiro, jornalista e deputado no Parlamento, onde se distinguiu na oposição. //

Divulgação nas escolas

O programa das actividades comemorativas do Centenário da República que se irão desenvolver em 2010 vai ser apresentado directamente às escolas, com sessões de divulgação a promover em articulação com a Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e as diversas direcções regionais de Educação.

Além do sítio na Web República nas Escolas (<http://escolas.centenariorepublica.pt>) um dos canais de divulgação do programa das actividades da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, as comunidades escolares vão ter oportunidade de conhecer de uma forma mais directa todas as iniciativas que estão a ser desenvolvidas, quer as que se dirigem particularmente a alunos e professores, quer as que se destinam ao público em geral.

Numa reunião realizada em Novembro entre elementos da CNCCR, da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e das direcções regionais de Educação ficou delineada a forma de fazer chegar directamente a todas as escolas os conteúdos da programação, nos seus diversos eixos temáticos.

As comemorações oficiais do Centenário da República iniciam-se dia 31 de Janeiro de 2010, no Porto, em homenagem à primeira tentativa realizada em Portugal para implantar a República, com a revolta de 31 de Janeiro de 1891. //